



## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: A PRAÇA DA “MATRIZ” COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Carlos José de Azevedo Machado\*  
Angela Mara Bento Ribeiro\*\*  
Maria de Fátima Bento Ribeiro\*\*\*

### RESUMO

Este artigo, ao abordar a Educação Patrimonial, propõe a utilização de espaços que, em geral, estão eivados de memórias. Aqui, apresentaremos um espaço comum, um lugar de memória, conforme Pierre Nora, comum a todas as cidades, e especificamente, na cidade de Jaguarão/RS, que é sua primeira praça. Serão trabalhados alguns conceitos importantes para, então, chegarmos à Praça central e apresentarmos uma atividade pedagógica. Atividades interdisciplinares são importantes para um trabalho que leve os sujeitos envolvidos a uma visão global do mundo, melhorando suas percepções sobre as relações entre os fenômenos. A ideia de usar um bem patrimonial, além de envolver o emocional dos sujeitos, ajuda na ideia de preservação através de atividades pedagógicas agradáveis e necessárias para o desenvolvimento dos sujeitos da educação. A metodologia utilizada para este estudo foi de uma pesquisa básica bibliográfica e descritiva, cujo objetivo é apresentar um objeto patrimonial como eixo para uma atividade interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Memória; Educação Patrimonial; Interdisciplinaridade.

### PATRIMONY EDUCATION: MATRIZ SQUARE AS A PLACE OF MEMORY

### ABSTRACT

This article, when approaching Heritage Education, proposes the use of spaces that, in general, are full of memories. Here we will present a common space, a place of memory, according to Pierre Nora, common to all cities, and specifically, in the city of Jaguarão/RS, which is its first square. Some important concepts will be worked on so that we can arrive at the central square and present a pedagogical activity. Interdisciplinary activities are important for work that takes the subjects involved to a global view of the world, improving their perceptions about the relationships between phenomena. The idea of using a patrimonial asset, in addition to involving the subjects' emotional, helps in the idea of preservation through pleasant and necessary pedagogical activities for the development of the subjects of education. The methodology used for these studies was a basic bibliographic and descriptive research, whose objective is to present a heritage object as an axis for an interdisciplinary activity.

\* Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, Campus Bento Gonçalves, Bento Gonçalves, RS, Brasil.

\*\* Doutora em Letras. Professora do Curso de Turismo da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, Campus Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil.

\*\*\* Doutora em História. Professora do Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL/Pelotas, Rio Grande do Sul e Pós-doutoranda no curso de Sociedade, cultura e fronteiras, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus Foz do Iguaçu, Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil.

**Keywords:** Memory; Educação Patrimonial (Brazilian term); Interdisciplinarity.

## EDUCACIÓN PATRIMONIAL: LA PLAZA DE LA “MATRIZ” COMO ESPACIO DE MEMORIA

### RESUMEN

Este artículo, al abordar la Educación del Patrimonio, propone el uso de espacios que, en general, están llenos de recuerdos. Aquí presentaremos un espacio común, un lugar de memoria, según Pierre Nora, común a todas las ciudades, y específicamente, en la ciudad de Jaguarão/RS, que es su primera plaza. Se trabajarán algunos conceptos importantes para que podamos llegar a la plaza central y presentar una actividad pedagógica. Las actividades interdisciplinarias son importantes para el trabajo que lleva a los sujetos involucrados a una visión global del mundo, mejorando sus percepciones sobre las relaciones entre los fenómenos. La idea de usar un activo patrimonial, además de involucrar las emociones de los sujetos, ayuda a la idea de preservación a través de actividades pedagógicas agradables y necesarias para el desarrollo de los temas de educación. La metodología utilizada para estos estudios fue una investigación bibliográfica y descriptiva básica, cuyo objetivo es presentar un objeto patrimonial como eje para una actividad interdisciplinaria.

**Palabras clave:** Memoria; Educación Patrimonial; Interdisciplinarietàad.

### INTRODUÇÃO

Quando analisamos a história de um lugar, e, mais precisamente, quando este lugar está eivado de memórias por parte de uma comunidade, as atividades pedagógicas propostas em torno deste tornam-se bem mais convidativas por parte dos envolvidos. Ao mesmo tempo, sabemos que as atividades interdisciplinares são fundamentais para um trabalho eficaz, garantindo aos alunos e aos professores uma visão mais global do mundo, melhorando suas percepções sobre as relações entre os fenômenos. Isto é, entre os fatos que acontecem na realidade concreta – ações, projetos, movimentos sociais, entre outros – e entre estes e o que é representado como aprendizagem.

Com a ideia de fazer uma atividade sob o prisma interdisciplinar, associado a elementos que provoquem inquietação, isto é, que nos tirem do lugar comum, mas ao mesmo tempo em que provocam algum sentimento de apego ao lugar trabalhado, propomos o tema do Patrimônio Cultural que possui esta característica, quando utilizamos um bem que provoque sentimentos de pertencimento a uma comunidade.

A ideia é simples: apresentar um elemento patrimonial da comunidade em que a atividade for desenvolvida, em que, no exemplo que iremos tratar, pode ser feita através de um passeio associado a várias outras atividades, como pesquisas, jogral, mural de fotografia, entre outras, envolvendo diversas disciplinas em torno, com atividades pensadas por todas, conjuntamente. Também, é válida a utilização de vídeo, *slides*, fotografia ou outra forma multimodal.

A atividade pode ser realizada em forma de oficina na escola selecionada ou, ainda, no local onde se encontra o Patrimônio a ser trabalho – chamamos atenção para a escolha do bem patrimonial do lugar, pois acreditamos que, além de envolver o emocional dos sujeitos envolvidos na proposta, ajuda na ideia de preservação. Pode-se, assim, desenvolver, de forma agradável, atividades necessárias ao desenvolvimento dos sujeitos da práxis pedagógica, ou seja, o educador e o educando conforme Luckesi (1994).

Chamamos a atenção de que este artigo conseguirá apenas apontar algumas ideias. Aqui, tomaremos um espaço comum a todas as cidades e observá-lo dentro de um conjunto conceitual. O presente artigo, ao apresentar um lugar de memória comum a todas as cidades, e, especificamente, na cidade de Jaguarão/RS, que é sua primeira praça, também o apresenta como um patrimônio cultural capaz de proporcionar atividades interdisciplinares que serão de grande valia para a aprendizagem dos sujeitos envolvidos. Para um bom começo de conversa, apresentaremos alguns conceitos como memória, identidade, patrimônio cultural e lugares de memória, para chegarmos à Praça central de Jaguarão, utilizando o conceito de “lugar de memória” do filósofo e historiador Pierre Nora, e de pronto algumas atividades para compreender o conceito de lugar.

Inicialmente, iremos trabalhar os conceitos citados, para, em seguida, chegarmos à Praça da Matriz<sup>1</sup> em frente à Igreja Matriz do Divino Espírito Santo da cidade de Jaguarão, os quais referenciarão este espaço patrimonial, exemplificado, aqui, para apresentar as propostas de atividades.

Utilizei o nome de Praça da Matriz em alusão ao fato de boa parte das cidades brasileiras terem sido desenvolvidas ao redor de uma praça com a Igreja principal à sua frente. Dessa forma, embora o trabalho se dê em torno da Praça Dr. Alcides Marques, de Jaguarão, as considerações poderiam ser igualmente feitas tomando como referência qualquer outra Praça, de qualquer cidade, nestas condições.

## **CONCEITOS PRELIMINARES**

### **Memória**

A *memória*, concepção que vai ser fundamental para as outras duas, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

---

<sup>1</sup> Praça Dr. Alcides Marques.

A palavra memória, tanto na origem latina – *memor* – como na grega – *mnemo* –, significa “aquele que lembra” no sentido de preservação de reminiscências. Seu uso tem sido significativo, principalmente, nas últimas décadas em que tem sido um tema constante na sua estreita relação com o Patrimônio, em especial o Patrimônio Cultural, que tem sido elencado de forma mais intensa, sobretudo, a partir do Ano Europeu do Patrimônio, em 1975. Este movimento acabou provocando uma série de questões que vão além da simples preservação, conforme nos assinala Leonardo Castriota<sup>2</sup>. Neste contexto, é importante destacar o estudo de Joel Candau, principalmente, por sua contribuição na decomposição do conceito de memória nos níveis da protomemória, da memória de evocação e da metamemória.

Para Halbwachs (2006), trabalhando a relação entre a sociologia e a história, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é, também, sempre, um trabalho do sujeito. Assim, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso. Importante trazeremos o filósofo Paul Ricouer, que nos fala:

Desde Platão e Aristóteles, falamos da memória não só em termos de presença/ausência, mas também em termos de lembrança, de rememoração, aquilo que chamavam de *anmesis* (Platão referia-se ao conhecimento do passado a partir de uma espécie de encarnação. A aprendizagem constituiria em redescobrir esse conhecimento dentro de nós) (2003, p.02).

Ricouer (2003, 2007) também chama a atenção para Bergson, que recolocou o “reconhecimento” no centro de toda a problemática da memória. O “reconhecimento”, tomado como um dado fenomenológico permanece como uma espécie de “pequeno milagre” (ligando com Platão). Ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado. Claro que poderíamos colocar em dúvida uma tal pretensão de verdade, o que não tira a importância da memória para nos assegurar de que alguma coisa se passou realmente antes que declarássemos lembrar-nos dela (RICOUER, 2007, p.40).

Importante apontar que o estudo da memória, inicialmente, abarcava psicologia, psicofisiologia, neurofisiologia, biologia e psiquiatria (quanto às perturbações da memória). No século XX, alguns cientistas e filósofos foram levados a aproximar a memória dos fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais, como a Sociologia, a história e a antropologia. Entre eles, podemos citar Henri Bérghson, Maurice Halbwachs, Paul Connerton, Paul Ricouer, Pierre Nora e Joel Candau.

---

<sup>2</sup> Sobre esta questão, podemos encontrar de forma sintética, em artigo de Castriota na Revista Locus (Revista de História, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 93-117, 2010).

Feita esta abordagem, enriquecida com os autores discorridos, passaremos a abordar outro conceito importante para nosso intento.

## **Identidade**

Passamos, agora, a trabalhar com o conceito de “*identidade*”. A palavra identidade pode levar a várias concepções, pois, se observarmos na filosofia, a identidade constitui objeto de cogitações por variados pensadores e correntes filosóficas, e seu conceito varia, portanto, de acordo com os mesmos. Aqui, tomaremos do campo das ciências humanas, mais precisamente da Antropologia e Sociologia. Porém, ressaltamos que a ideia é, apenas, possibilitar uma compreensão mais simples do termo para que possamos ligar ao foco do artigo, afinal, é um conceito que gera uma complexidade maior.

A identidade entendida é uma construção social, permanentemente redefinida em uma relação dialógica com o outro. Segundo Candau, é a memória que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: “assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade”. Para ele, memória e identidade estão indissolúvelmente ligadas.

Se identidade, memória e patrimônio são “as três palavras-chave da consciência contemporânea” – poderíamos, aliás, reduzir a duas se admitimos que o patrimônio é uma dimensão da memória – é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade (CANDAU, p.16).

Na sociologia, a identidade tem em questão a autoconcepção de uma pessoa, sua apresentação social e, de forma mais geral, os aspectos que fazem uma pessoa única, ou qualitativamente diferente de outras como, por exemplo “identidade cultural, de gênero, nacional”. Daí, entender como uma construção social, em que um lugar, uma forma de conduta, uma manifestação cultural, muitas vezes, é apresentado como a “identidade” de uma cidade.

Em geral, atividades pedagógicas que trabalham com elementos apresentados pela própria comunidade como símbolos da mesma, ou que, são espaços bastante utilizados por ela, sobretudo no lazer, fazem com que os sujeitos da educação se envolvam melhor com as propostas de atividades.

## Patrimônio e Patrimônio Cultural

A palavra *patrimônio* é de origem latina – *patrimonium* – e, no princípio, constituía o domínio do chefe familiar sobre os bens materiais, além da esposa, dos filhos, dos servos e dos escravos. Na Idade Contemporânea, o termo passou a significar a herança cultural e natural preservada por determinado povo ou pela humanidade.

*Patrimônio* na área das ciências sociais, muitas vezes, é associado ao termo *histórico*, daí *patrimônio histórico*. Para Françoise Choay, esta expressão designa um bem para usufruto de uma comunidade que tomou uma amplitude planetária, constituindo-se de uma diversidade de objetos que se congregam por um passado em comum: “obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos” (CHOAY, 2006, p.11).

Este conceito focava na materialidade, mas foi, aos poucos, sendo substituído por um termo mais abrangente, o chamado *patrimônio cultural*, envolvendo, agora, o conjunto dos bens culturais referentes às identidades coletivas. A noção de patrimônio é enriquecida com múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomia, expressões de arte, documentos, sítios arqueológicos, os quais passaram a ser valorizados nas políticas públicas para o patrimônio.

Vamos retomar, então, a ideia de o patrimônio significar a rememoração ou a lembrança da própria ação humana em diferentes tempos e lugares. Em geral, as pessoas trazem consigo numerosas relações com algumas partes de sua cidade, um teatro, um cais ou uma praça, por exemplo, e estas imagens estão impregnadas de memórias e significações.

Verbalizar uma recordação significa tornar algo coletivo de seu ambiente e expressar algo que se compartilhe com a comunidade a qual pertence, e por isto mesmo, podemos entender o patrimônio como dimensão da memória, aliás, sem memória coletiva não há que se falar em patrimônio cultural. Porém é necessário que, ao longo do tempo, este patrimônio seja entendido como algo importante, se alicerçando de forma coletiva. [...] A preservação do patrimônio cultural se relaciona com as políticas implantadas pelos Estados, ou seja, as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural, e se relacionam à memória evocada por suas comunidades (MACHADO, 2016, p.29).

*Patrimônio Cultural* apresenta-se como o conjunto de manifestações, realizações e representações de um povo, de uma comunidade. Ele está presente em todos os lugares e atividades: nas ruas, em nossas casas, em nossas danças e músicas, nas artes, nos museus e em escolas, igrejas e praças. Também, nos nossos modos de fazer, criar e trabalhar. Nos livros que escrevemos, na poesia que recitamos, nas brincadeiras que organizamos,

nos cultos que professamos. Ele faz parte do nosso cotidiano e estabelece as identidades que determinam os valores que defendemos. É ele, o patrimônio cultural, que nos faz ser o que somos. Nesse sentido, o patrimônio cultural de cada comunidade é importante na formação da Identidade de todos nós.

Ainda neste tema, é importante falarmos sobre a importância fundamental de participarmos das escolhas e das decisões concernentes ao futuro das políticas para o *patrimônio cultural* de nosso país, questão importante para tratar nas atividades pedagógicas. Nas palavras de RIBEIRO; MACHADO, 2013.

Neste processo de desenvolvimento de tais políticas, escolas e universidades governos e autoridades provocam discussões e passam informações de modo a formarem cidadãos brasileiros que valorizam sua aldeia, (re)conhecem sua história, mas sabemos que não atinge a maioria – a “**massa popular**” – o direito ao acesso à cultura de todos, tornando-se assim um desafio para o meio acadêmico essa realidade, e este trabalho contribui para a construção deste processo com ações de **Educação Patrimonial**. Trazendo o conhecimento da comunidade, a diversidade de bens materiais e imateriais existentes na cidade e com as ações de educação que é uma forma de sustentar a produção da memória e estar alicerçada na produção do presente que torna-se passado e produz a construção da sociedade.

Por fim, trataremos da chamada “herança cultural” de nossos antepassados e os significados atribuídos aos mesmos e ao Patrimônio Natural. No primeiro caso, atualmente, surgem, no campo dos estudos interdisciplinares, diversas pesquisas sobre o Patrimônio Cultural de uma forma mais universalizada, ou seja, não somente levando em conta os monumentos de “pedra e cal”, como acontecia até a década de 80 do século XX. Algumas leis e iniciativas vêm contribuindo para fixar a ideia de que o Patrimônio Cultural é formado por um conjunto de elementos que não dissociam patrimônio material e patrimônio imaterial. No segundo caso, que tange ao Patrimônio Natural, lembramos que existe uma legislação<sup>3</sup> própria no sentido de preservá-la para as novas gerações. Assim, podemos apontar elementos da Paisagem Natural que se tornam referências pelo seu uso, como, por exemplo, a praça ou um rio que passa por uma cidade, e, por isso, passamos a denominá-los como Paisagem Cultural.

Feitos os esclarecimentos acima, na continuidade do texto, propomos pensar como trabalhar o Patrimônio Cultural no viés da interdisciplinaridade. Mas antes, abordaremos o conceito de *lugares de memória*.

<sup>3</sup> Apontamos, por exemplo, o Código de Águas brasileiro de 1934, a Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural (UNESCO, 1972), o artigo 225 da Constituição brasileira de 1988, a Lei 9985/2000, que regulamenta o artigo 225 da Constituição. O Patrimônio Natural se faz importante numa comunidade carente, uma vez que as pessoas apontam um arroio, um morro, uma árvore para lembrar acontecimentos.

## **Lugares de Memória**

Os lugares de memória, citados por Nora (1993), só são possíveis pela falta, pelo desejo àquilo que não se pode concretizar. Para ele, aquilo que chamamos de memória é, efetivamente, aquilo que se constitui “do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter necessidade de nos lembrar” (NORA, 1993, p.15). O patrimônio cultural constituído como um lugar de memória traz consigo o poder de desencadear ressignificações. Candau (2011) afirma que a memória é, acima de tudo, uma reconstrução, algo em constante atualização do passado, sendo assim, mais do que uma reconstrução fiel do mesmo. Essa reconstrução, podemos dizer, nada mais é do que ressignificações a partir de significações. Como já foi abordado, é a memória que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: nessa lógica, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade.

Quando contemplamos um espaço de relevância histórica e memorial, esse espaço evoca lembranças de um passado que, mesmo remoto, é capaz de fazer reviver momentos e fatos ali vividos, os quais podem fundamentar a realidade presente. Memória esta que pode ser despertada através de lugares e edificações, os quais, em sua materialidade, são capazes de fazer rememorar a forma de vida daqueles que, no passado, se utilizaram desses espaços.

Estes, considerados como lugares de memória por conta de seus usos e de sua relevância, assumem importante significado por fazer parte da memória coletiva de um grupo, a memória de um passado comum que faz com que o grupo se sinta parte daquele lugar, daquele espaço que envolve a história de todos que com ele interajam. A memória, nesse sentido, é a “presentificação de uma ausência no tempo, que só se dá pela força do pensamento – capaz de trazer de volta aquilo que teve lugar no passado” (PESAVENTO, 2002, p.26).

## **Educação Patrimonial**

A *Educação Patrimonial* tem como ponto de partida o patrimônio como fonte de conhecimentos, trata de compreender seu valor para a vida. Pode ser definido como “um instrumento de alfabetização cultural” (HORTA, 2006, p.6), que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia. A *Educação Patrimonial* pode ocorrer na escola bem como em todos os espaços sociais. Tem uma forte importância para a formação dos indivíduos enquanto cidadãos, uma vez que a preservação está atrelada ao conhecer,

e nosso passado está ligado à nossa identidade cultural, à nossa história, e, dessa forma, vai despertando essa compreensão na nossa memória.

*A Educação Patrimonial* tem a potencialidade de:

[...] propiciar e capacitar a população para fiscalizar e cooperar com a conservação dos bens culturais; também para participar do processo de eleição de bens culturais a serem patrimonializados e financiados através de políticas públicas. Deve ainda promover o envolvimento e identificação das comunidades com os bens patrimonializados por meio do conhecimento e do estímulo à participação nos processos decisórios e ainda estimular o surgimento de novas vocações relacionadas à preservação do patrimônio cultural (CERQUEIRA, 2008).

O papel da preservação do patrimônio no Brasil vai além da história e memória, uma vez que começa a cumprir um papel econômico e social. No caso de Jaguarão, considerada como cidade histórica que previa investimentos e recuperação dos casarões tombados e a construção do Centro de Interpretação do Pampa, reavivando a memória do pampa nas antigas Ruínas da Enfermaria Militar, é um momento ímpar para propor estas atividades. No caso dos investimentos, infelizmente, por conta da mudança política em 2016, ou ruptura como podemos também entender, estes investimentos, como outras políticas para a preservação e educação do Patrimônio Cultural, foram excluídas ou congeladas, em nível de Brasil.

E por conta disso, torna-se mais importante, ainda, o que nos diz André Chastel, citado por Dominique Poulot (2009, p.17): “o patrimônio reconhece-se pelo fato de que sua perda constitui um sacrifício e que sua conservação pressupõe sacrifícios”, chamando atenção para a questão da preservação destes patrimônios e as consequências e necessidades para tal. Estes “sacrifícios” são sempre o desafio para as gestões municipais, que têm para si a responsabilidade de manter este vínculo de pertencimento da comunidade com este espaço. Mas também é uma função fundamental para a *Educação Patrimonial* que tem o objetivo de formar indivíduos – cidadãos cientes da necessidade do cuidado com seu habitat.

Agora sim podemos adentrar na chamada “praça da matriz”, que, aqui, tem um exemplo específico, mas que representa qualquer espaço similar em qualquer cidade. A partir destes conceitos, já o teremos de forma mais qualificada para propormos uma atividade. Após trataremos rapidamente da ideia da interdisciplinaridade, será apresentada uma proposta de atividade e considerações finais.

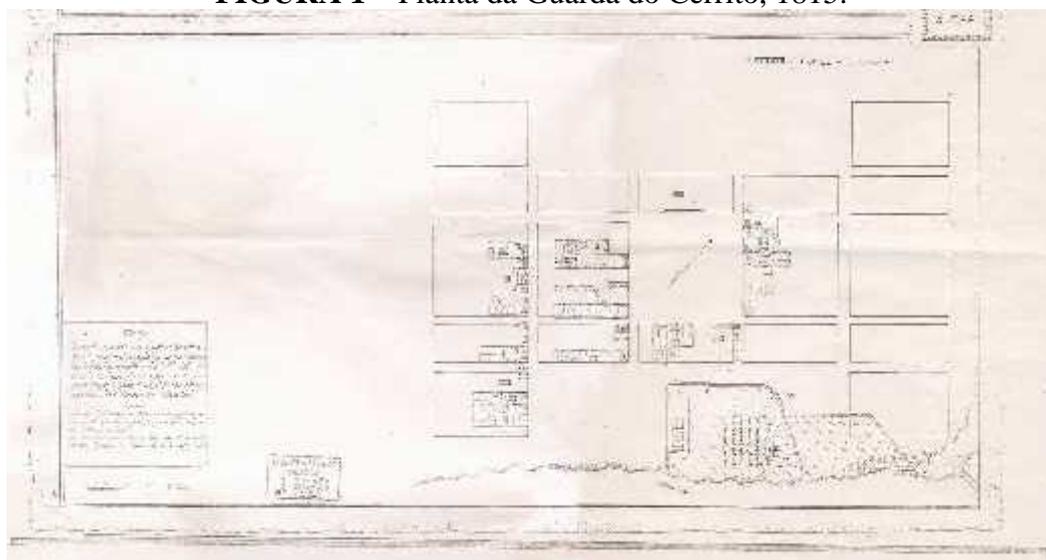
## A PRAÇA COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA

Iniciaremos este tópico com uma citação baseada em Nora retirada de um chamamento do cartaz do VIII SIMP – Simpósio Internacional em Memória e Patrimônio –, realizado pela Universidade Federal de Pelotas, em 2014.

Esses lugares de memória, são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque foram adquirindo a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva se carrega de sentidos, se expressa e se revela.<sup>4</sup>

Em Jaguarão, a constituição da cidade começa a partir de uma Guarda Militar (1802), e, logo em seguida, se conjumina entorno de uma praça central. Um dos primeiros lugares, talvez o primeiro onde era possível uma socialização de todos, sem distinção. A partir do século XX, praticamente não havia cidadão que não pudesse passar ou ter participado de algum evento ou, simplesmente, de um passeio nesta praça. Abaixo podemos observar, na planta de 1815, o espaço da praça, hoje denominada de Dr. Alcides Marques.

**FIGURA 1** – Planta da Guarda do Cerrito, 1815.



Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Segundo o pesquisador Roberto Duarte Martins (2001, p.223), no ano de 1815, este espaço fora definitivamente consagrado como praça. Se caracterizando por ser o grande ponto de encontro das pessoas, onde se localizavam as famílias mais importantes, mais abastadas; os cafés e bilhares; o local onde se apresentavam atrações como espetáculos equestres. A praça já teve diversos nomes, tais como: Praça da Matriz, decorrente do fato

<sup>4</sup> Texto retirado do chamamento do VIII SIMP, baseado em Pierre Nora.

de a Igreja Matriz do Divino Espírito Santo estar localizada à sua frente lateral, Praça da Independência em comemoração à Independência do Brasil, Praça 13 de Maio em comemoração à Abolição da Escravatura nesta mesma data, no ano de 1888, e o nome de Dr. Alcides Marques, em homenagem a um médico jaguarense que foi provedor da Santa Casa de Caridade.

**FIGURA 2** – Foto da Praça, pela Av. 27 de Janeiro (1930).



Fonte: Autor desconhecido.

A praça como um lugar de memória onde acontecem momentos que levam a identificações, à memória, a conflitos e a situações que levam a uma convergência entre a curiosidade e a “anamnesis”. Neste espaço, durante dois séculos, muitas pessoas se utilizaram dela de inúmeras maneiras: comércio, namoros, encontros, roda de chimarrão, aulas, entre outros. Todos estes exemplos ainda podem ser observados hoje, apenas, talvez, de formas um pouco mais diversas. Ela carrega consigo muitas histórias: um dia já foi cercada por grades, já foi alugada pelo prefeito a um industrialista da região, concedida à construção de quiosques. Independente dos diferentes usos, a praça é um local de encontro da população, um local de memória.

**FIGURA 3** – Foto da Praça com proteção (grades) vista pela Rua General Osório.



Fonte: Internet <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=10639246468787438627>

É possível encontrar vários monumentos, placas e bustos que tentam contar uma versão da história da cidade. Para Nora, os Estados levantam monumentos para proclamar que havia cumprido sua missão. Os bustos para lembrar, e aqui, para lembrar as novas gerações algumas personalidades, na ótica de uma parcela da sociedade, no caso os dirigentes do período. A praça traz uma conjugação de monumentos e bustos, embora não se proclame como um memorial, porém traz reflexões em relação a episódios que não deveríamos esquecer. Como exemplo, a Estátua que lembra a Abolição da Escravatura nos reportando ao fato de que existia, institucionalmente, a escravidão<sup>5</sup>.

Segundo Françoise Choay (2006, p.25), existem dois tipos de monumentos: “o monumento simbólico erigido para fins de rememoração, praticamente fora de uso em nossas sociedades desenvolvidas” e o “monumento histórico que não é desde o princípio desejado, criado como tal; ele é constituído a *posteriori* pelos olhares convergentes do historiador e do amante da arte...”. Como a autora mesma ressalta, “O Monumento tem por finalidade fazer reviver uma passado mergulhado no tempo”. Choay revela que, hoje, esses monumentos foram deixados de lado, seja porque se tornaram defasados com o surgimento

<sup>5</sup> Observemos que as pessoas de origem africana sofreram as consequências deste fenômeno durante todo o último século, e, neste novo, ainda se fizeram e fazem necessárias políticas afirmativas para tentar minimizar as consequências desta história.

da câmera fotográfica que proporcionou uma nova forma de manter esses monumentos, seja porque não correspondem aos ideais políticos e econômicos e sociais da atualidade.

Hoje, é possível perceber que muitos destes monumentos na Praça Dr. Alcides Marques acabam passando despercebidos; outros, quase impossível não perceber. Mas o significado dos mesmos, os porquês deles ali estarem acaba sendo conteúdo trabalhado em escolas do município; muitas vezes, os alunos acabam tendo dificuldades em conseguir algumas respostas, mesmo que oficiais. De outra forma, se torna um exercício muito importante para trabalhar a história da cidade.<sup>6</sup>

## INTERDISCIPLINARIDADE

Sobre este tema, já bastante discutido, seguramente vale a pena fazer algumas leituras de artigos, bem como de algumas obras. Sugerimos, aqui, *Interdisciplinaridade e Patologia do saber*, de Hilton Japiassu (1976), e *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, de Edgar Morin (2000). Ambas as produções são tentativas de refletir sobre a compartimentalização do conhecimento e suas consequências para o gênero humano. Ressalta-se que apresentam proposições para buscarmos a totalidade perdida por conta de uma compartimentalização do conhecimento.

Aqui, partiremos direto para os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Dessa forma, ela deve partir da necessidade reconhecida pelas escolas, pelos professores e pelos alunos. No texto do PCN:

Interdisciplinaridade e Contextualização formam o eixo organizador da doutrina curricular expressa na LDB. Elas abrigam uma visão do conhecimento e das formas de tratá-lo para ensinar e para aprender, que permite dar significado integrador a duas outras dimensões do currículo, de forma a evitar transformá-las em novas dualidades ou reforçar as já existentes: Base Nacional Comum/parte diversificada, e formação geral/preparação básica para o trabalho (BRASIL, 2000, p.85).

Neste sentido, a Interdisciplinaridade é proposta de integração teórica e prática numa perspectiva de totalidade, buscando a chamada totalidade perdida. E entendemos

---

<sup>6</sup> Não se resumindo apenas à disciplina de história. Entre 2011 e 2013, o Projeto PIBID História – Educação Patrimonial (Unipampa – Jaguarão) realizou várias atividades envolvendo bens patrimoniais, entre elas, esta Praça. Percebeu-se a facilidade de trabalhar um bem patrimonial da cidade como um eixo para ações interdisciplinares. Sobre este projeto, a CAPES publicou duas obras, uma com os relatos dos coordenadores e supervisores e outra com artigos das atividades desenvolvidas pelos discentes. Nelas, encontram-se a experiência de Jaguarão. Também, foi editada uma cartilha, “Compartilhando os Bens de Jaguarão”, em que esta praça é um dos destaques.

que uma proposta de utilização do Patrimônio Cultural, reforça a ideia de uma intervenção mais integradora dos sujeitos da práxis.

## **PROPOSTA DE ATIVIDADE**

Para não ficar apenas na análise de conceitos e exposição, apresentaremos, conforme já exposto no texto introdutório, uma atividade. Para fins de adequação de espaço num artigo, vamos demonstrar apenas um exemplo.

Proposta de Oficina: a ideia é desenvolver uma atitude crítica e reflexiva, utilizando-se do Patrimônio Cultural, dentro de um trabalho interdisciplinar na sala de aula e da sala de aula para a comunidade.

Num primeiro momento, sugerimos que se escolha um bem que faça parte do Patrimônio Cultural. Como exemplo, na cidade de Jaguarão, localizada no Rio Grande do Sul, utilizaremos a Praça Dr. Alcides Marques, já devidamente especificada. Ainda na escola, é possível apresentar um pequeno vídeo ou fotos da praça. A partir disto, podemos trabalhar com grupos e com os significados e lembranças que estes possam levantar. Com o resultado deste *feedback*, podemos montar questões interdisciplinares a serem desenvolvidas. Atentamos que a atividade seja desenvolvida entre, no mínimo, duas disciplinas, podendo ampliar-se com quantas possíveis, dependendo da adesão do corpo docente. O ideal seria que pudesse abarcar o máximo de professores/disciplinas. Mas o caminho, em geral, começa com pequenos grupos de professores, e, conforme o resultado e envolvimento da comunidade escolar, vai-se “contaminando” outros. Se não começarmos, não há como falar em ampliação e continuidade.

No segundo momento, partiremos para uma atividade de “saída de campo”. Após avançarmos no tema, desenvolvidas atividades propostas pelos professores, faremos uma visita guiada à Praça.

A seguir, veremos algumas questões que podem ser propostas, podendo ser antes ou depois da visitação. Dependendo da ótica, isto é, se para conhecimentos prévios, ou para possibilitar reflexões no local.

### **Questões (sugestões):**

1. Como visto, a praça foi construída junto à formação da cidade, no início do século XIX. Perceber fenômenos históricos, políticos e econômicos que aconteciam no Brasil neste período.

2. Buscar dados cartográficos da cidade bem como imagens deste período.
3. Buscar dados geográficos sobre a fauna e flora desta região.
4. Buscar entender o traçado da praça, sua geometria e o estilo arquitetônico do seu entorno.
5. Informar sobre flora inicial e a atual. Que animais costumam visitar ou morar na praça.
6. Pensar a preservação patrimonial e sua importância.
7. Podem ser trabalhadas as substâncias químicas utilizadas nos materiais utilizados ao longo da praça e de suas instalações.
8. Discorrer sobre a importância da praça para o meio ambiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A memória dispersa nos lugares é construída e vivenciada de forma compartilhada, por meio dos laços pessoais e sociais. Observa-se que os lugares de memória constituem-se locais de encontro, relação e sociabilidade, de manifestação da cultura popular e do lazer da comunidade. Em alguns casos, configuram-se como extensão de seus lares. Os moradores que apropriam, trabalham, transitam, ou utilizam os lugares de memória promovem a diversidade das relações, reinventam suas tradições e constroem uma identidade específica. Por esta razão, tornam-se espaços qualificados para serem alvo de atividades pedagógicas.

Para alcançarmos de forma mais agradável e eficaz um trabalho pedagógico e interdisciplinar, acreditamos que a proposta de um tema como o Patrimônio Cultural é coerente, pois envolve o emocional dos sujeitos envolvidos e, também, ajuda na ideia de preservação. Memória, lugares de memória, identidade, patrimônio são conceitos importantes para compreendermos a dinâmica destas atividades. Um aspecto importante é que esta forma de trabalhar, como vista no decorrer do texto, ajuda a exercitar uma análise mais global, de preferência dialética. Aos poucos, os sujeitos da educação, em especial, os professores que se encontram no grupo com mais resistência a mudanças começam a ver com olhos mais livres. Quando abordamos o tema Educação Patrimonial, de certa forma, existe a relutância de incluir elementos que fogem ao currículo do ensino, já adaptado aos padrões da educação do ensino fundamental e médio. Ao lado da capacitação dos professores para interagir com a atualidade, a Educação Patrimonial vem contribuir tanto no ponto de vista da educação escolar formal quanto informal. Perguntas como “De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos?”. Questões levantadas por Morin (2000),

com vistas à educação das novas gerações, estarão no centro destes trabalhos, possibilitando uma visão mais global e contextualizada. Deixamos o desafio de cada educador pensar as atividades interdisciplinares em seus lugares de trabalho, aproveitando o Patrimônio Cultural como eixo para diversas atividades.

Assim, conhecer bem e melhor este patrimônio exige um “trabalho de memória”, que passa pela construção coletiva, mas que tem uma ação pessoal do sujeito. Atividades de educação para o patrimônio devem ser cada vez mais dinamizadas e provocadas, a fim de que a comunidade se aproprie mais de seus lugares para melhor protegê-los, se assim entender. A praça continua, ali, recebendo toda a comunidade e, quase inevitável, todo turista que chega a Jaguarão. Cerqueira (2008, p.13) nos ressalta que “a população diretamente envolvida com os bens culturais patrimonializados precisa conhecê-los e reconhecer-se neles”. “Só se protege o que se ama, só se ama o que se conhece”<sup>7</sup>

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo, Contexto, 2011.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **PAC Cidades Históricas** – oportunidade para a conservação integrada? PDF. In: Locus, Revista de História, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 93-117, 2010.

CERQUEIRA, Fábio Vergara, GUTIERREZ Ester Judite Bendjouya, SANTOS Denise Ondina Marroni, MELO, Alan Dutra. **Educação patrimonial: perspectivas multidisciplinares** – Pelotas, RS – Instituto de Memória e Patrimônio e Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural – UFPEL – Pelotas: Editora da UFPEL, 2008.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade – Unesp, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. A Memória Pública – Os lugares de Memória. In: Cartilha do Ministério da Educação Memória, Patrimônio e Identidade, Boletim 4, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai: a construção da cidade de Jaguarão**. Tese. (Doutorado em Histórias Especializadas) – Universidade Politécnica da Catalunha, 2002.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. In, Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. PUC SP, n. 10. dez./1993

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço**. ArtCultura, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 26, 2002.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente: séculos XVIII-XXI**. São Paulo, Estação Liberdade, 2009.

PRATS, Llorenç. **Concepto y gestión del patrimonio local**. Cuadernos de Antropología Social, n. 21, p. 17-35, 2005.

---

<sup>7</sup> Palavras atribuídas a Aloísio Magalhães.

RIBEIRO, Ângela Mara Bento; MACHADO, Carlos José de Azevedo. Compartilhando os bens de Jaguarão – RS Proposta de Educação Patrimonial. In: **CONINTER 3**, Organizador: ANINTER, 05/09/2013.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Memória, história, esquecimento**, 2003.

## **SITES**

<http://8simpufpel.wix.com/8simpufpel>